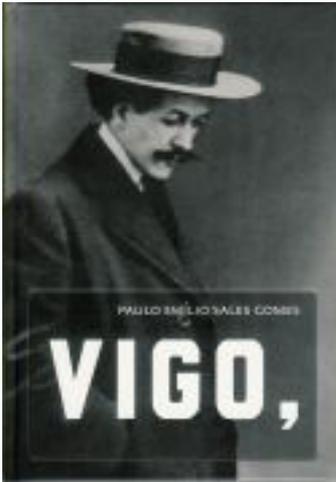
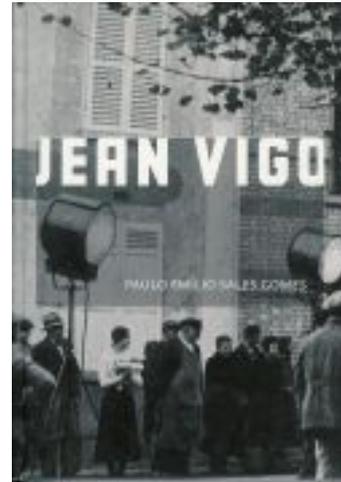


RESENHA



GOMES, Paulo Emílio Salles.
Vigo, Vulgo Almereyda. São Paulo:
Cosacnaify; Edições SESC-SP,
2009 (272p.)

GOMES, Paulo Emílio Salles.
Jean Vigo. São Paulo: Cosacnaify;
Edições SESC-SP, 2009 (504p.)



Vigo, vulgo Almereyda e Jean Vigo: Paulo Emílio Salles Gomes e a interlocução entre anarquismo e cinema

Julierme Sebastião Morais Souza*

Depois de *Três mulheres de três PPPês*, *Cemitério* e *Capitu*, dando prolongamento ao seu projeto que visa a publicação integral da obra do crítico, historiador e professor de cinema Paulo Emílio Salles Gomes, a Editora Cosacnaify, em co-edição com as Edições SESC-SP, traz a público as obras *Vigo, Vulgo Almereyda* (GOMES, 2009) e *Jean Vigo* (GOMES, 2009), organizadas por Carlos Augusto Calil. Paulo Emílio nasceu na capital paulista em 1916, foi militante comunista na juventude, preso político do governo Vargas, ao lado de Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, Rui Coelho, Gilda de Mello Souza e Alfredo Mesquita fez parte da geração da revista *Clima*.

Nos decênios de 50 e 60, foi o principal crítico de cinema do *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*, colaborou na fundação do curso de

cinema da Universidade de Brasília (UnB), tornou-se professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da Universidade de São Paulo, onde também colaborou na fundação do curso de cinema da Escola de Comunicações e Arte (ECA). Nos dois institutos orientou pesquisas acerca da história do cinema brasileiro.

Do interior da *Cinemateca Brasileira*, na qual foi fundador e curador-chefe, organizou praticamente todo o acervo documental da instituição e tornou-se mentor intelectual do grupo reunido em torno do *Cinema Novo*. Sua defesa pelo cinema brasileiro o consagrou como maior crítico de cinema do país. Faleceu vitimado por um ataque cardíaco em 1977.

Fazendo parte de uma única pesquisa de Paulo Emílio, elaborada em sua segunda

estadia em Paris (1946-1954), os dois volumes lançados recentemente lançam luz a uma verdadeira obra-prima que inter-relaciona história, cinema, anarquismo e estética de maneira seminal. Paulo Emílio debruçou na obra do cineasta francês Jean Vigo e foi levado ao seu pai, o anarquista Eugène Bonaventure de Vigo, vulgo Miguel Almereyda.

Na edição original francesa, de 1957, a empreitada do crítico teve grande parte das informações acerca de Miguel Almereyda resumida, o que acabou ensejando a publicação de duas obras no Brasil. Em 1984, o texto sobre o cineasta, e em 1991, a investigação da trajetória política de seu pai anarquista. A Cosacnaify seguiu esta disposição e lançou dois volumes.

Vigo, vulgo Almereyda corresponde ao texto original do crítico atinente à trajetória de Miguel Almereyda. Nele, Paulo Emílio entrelaça a história de Almereyda ao contexto sócio-político da III República Francesa, sobretudo sua militância anarquista. Divido em três capítulos, respectivamente intitulados: *Le Libertaire*, *La Guerre Sociale* e *Le Bounnet Rouge*, a obra é iniciada com a infância e juventude de Miguel Almereyda, passando por suas empreitadas militantes anarquistas nos jornais *Le Libertaire* e *La Guerre Sociale*, chegando a suas incursões no jornal *Le Bounnet Rouge* e morte.

No interior da obra, Paulo Emílio salienta o constante diálogo com a necessidade de revolta por parte de uma classe operária organizada, enquanto “pedra de toque” dos ensaios de Almereyda. No entanto, tal perspectiva dava mostra da confusão ideológica em que os obstáculos da realidade social, política e econômica da III República Francesa haviam mergulhado seu personagem.

Fechando sua obra com a suspeita morte de Miguel Almereyda na prisão, aos 34 anos, Paulo Emílio torna sensível ao leitor uma trajetória revolucionária individual, na qual o ímpeto de transformação social se fez perene. Contudo, em um plano mais geral, debruçando sobre primorosas informações atinente a acontecimentos e personagens importantes do movimento anarquista do início do século XX, o crítico demonstra as dificuldades de um movimento esparso, cuja diversidade ideológica se demonstrou prejudicial às atuações políticas práticas que resultassem em êxito.

O volume atinente à Almereyda, além do texto integral de Paulo Emílio, traz as seções “Notas de Apoio”, “Fortuna Crítica” e “Posfácio”. As “Notas de Apoio” congregam notas históricas escritas em colaboração por Edgar Carone e Olga Toshiko, assim como verbetes sobre os personagens anarquistas mais marcantes da virada do século XIX para o XX, elaborados por Adilson Inácio Mendes. “Fortuna Crítica” reedita o prefácio, o posfácio e a orelha da edição de 1991, escritos respectivamente por Claude Lefort e Carlos Augusto Calil e Luiz Felipe Alencastro, bem como traz uma crítica de Zulmira Ribeiro Tavares sobre a obra, publicada na *Folha de São Paulo* também em 1991. E no “Posfácio”, escrito por Adilson Inácio Mendes, são analisados alguns dados biográficos de Paulo Emílio, em articulação com sua obra, no intuito de aprofundar-se em seu estilo narrativo.

Jean Vigo consiste em uma análise profunda das películas *A Propósito de Nice* (1929), *Taris ou a Natação* (1931), *Zero de comportamento* (1933) e *Atalante* (1934), articulada às possíveis interlocuções do estilo cinematográfico do cineasta com a sua própria biografia,

intrinsecamente marcada pela trajetória de seu pai anarquista Almereyda. Seguindo esta orientação teórica, se iniciado com a análise resumida da trajetória de Almereyda, a obra percorre a biografia de Jean Vigo, analisa suas películas, seus relacionamentos pessoais, sua morte precoce aos 29 anos, assim como, demonstra a recepção de sua filmografia levantando os motivos da recusa ou aceitação.

Paulo Emílio recupera em *Jean Vigo* o ímpeto revolucionário de seu pai anarquista Almereyda, demonstrando sua transposição para a linguagem cinematográfica. Salta aos olhos a análise cuidadosa das películas, que se distanciava das visões esquemáticas ou impressionistas dos autores que já haviam se dedicado à abordagem da filmografia de Vigo. Diante da obra de Paulo Emílio, no *Cahiers du Cinéma*, o crítico François Truffaut chegou a apontá-la como o mais belo livro de cinema que já havia lido. Nesta medida, podemos notar que o prêmio *Armand Tallier*, dado anualmente ao melhor livro sobre cinema na França, veio como consagração de sua primeira edição de 1957.

O volume acerca de Jean Vigo é acompanhado de algumas seções que enriquecem ainda mais a obra. Em “Cartas de Paulo Emílio”, o leitor pode acompanhar alguns passos do processo de pesquisa do crítico em algumas correspondências com o crítico André Bazin e com o curador-chefe da *Cinemateca Francesa* Henri Langlois. Na “Fortuna Crítica”, o leitor se deparará com críticas elogiosas acerca da obra de Paulo Emílio propugnadas por críticos como François Truffaut, Georges Altman, Paul Oury, André Bazin, Roy Edwards, Philippe Esnault, André Bazin, Walter da Silveira e Ismail Xavier.

No “posfácio”, escrito por Adilson Inácio Mendes, é esboçado mais uma vez o processo estilístico de Paulo Emílio. Em “Vigo e Eu”, o cineasta português Manuel de Oliveira demonstra sua experiência pessoal com Jean Vigo, bem como traça um quadro do cineasta com outros realizadores como Jean Renoir e Luis Buñuel. Também é lançado para o leitor uma “Filmografia” de Vigo, a “Bibliografia” utilizada por Paulo Emílio na elaboração de sua pesquisa, um “Índice de Filmes” citados na obra, e um “Índice onomástico”, onde alguns personagens poderão ser encontrados com maior facilidade.

Este volume da Cosacnaify, em co-edição com as Edições SESC-SP, também é acompanhado de dois DVDs, cuja parceria com a Versátil Home Vídeo permitiu lançar, além da filmografia completa de Jean Vigo e uma entrevista com François Truffaut sobre o cineasta, alguns extras que trazem depoimentos de Antonio Candido, Lígia Fagundes Telles e Ismail Xavier acerca da vida e obra de Paulo Emílio Salles Gomes. Aliado a isso, os dois volumes congregam um riqueza formal digna das mais acuradas preocupação com o leitor, pois fotografias, documentos e cartas são transpostos na íntegra.

Não é nossa pretensão complicar demais ou sobrecarregar a análise destes dois volumes, tampouco lhe atribuir importância indevida. No entanto, o leitor que debruçar sobre os Vigo terá oportunidade de apreciar uma profunda pesquisa que se constitui, em todas as medidas, num corpo consistente de análise cinematográfica, aliada ao contexto histórico francês do início do século XX.

Com efeito, Paulo Emílio provavelmente foi o maior conhecedor

de cinema que o país já possuiu. Isto por si só já garante um *status* de qualidade da obra. Todavia, além disso, os dois volumes lançados pela Cosacnaify consistem em uma valorosa contribuição, não só àqueles interessados em história e cinema, mas também para os apreciadores de uma boa leitura.

Por todos estes motivos elencados *Vigo*, *vulgo Almercyda* e *Jean Vigo*, de Paulo Emílio Salles Gomes, são, de fato, leitura obrigatória. Em face destas obras torna-se até mesmo um truísmo desejarmos uma boa leitura, porém, optamos por pecar pelo excesso e não pela falta. Portanto: uma boa leitura a todos!



* **JULIERME SEBASTIÃO MORAIS SOUZA** é mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da mesma Universidade, bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).